A Prosa Poética na obra alencariana, *Iracema*

Karoline Duarte Rêgo [1], Francisco Magno Silva de Araújo[2]

[1]Estudante do Curso Técnico Integrado em Informática– IFRN. Bolsista do IFRN. e-mail: karol_acsa@hotmail.com
[2]Doutorando em Estudos da Linguagem/ Literatura Comparada – UFRN. e-mail: franciscomagno@ifrn.edu.br

Resumo: Tendo como pórtico dos nossos estudos as letras alencarianas, trabalhamos na aplicação do conceito de "prosa poética" a uma das mais singulares obras da literatura brasileira – Iracema. De valor literário inquestionável, Iracema simula toda poesia e heroicidade contida nas nossas origens, afirmando e elevando o préstimo das raízes e da nacionalidade brasileira através do indianismo. Aliado, por conseguinte, ao mergulho do romancista cearense na cultura popular buscando descrever ritos e tradições indígenas além do processo de miscigenação, deparamo-nos com a musicalidade dos seus escritos. O ritmo e a acentuação poética chamam atenção e congregam um grande valor à obra-prima de José de Alencar. Objetivando fundamentar nossas análises, afora o estudo do livro em si, abordamos as origens do movimento romântico e sua principal expressão, o romance; para isso, utilizamo-nos primordialmente dos trabalhos de Bakhtin. Pudemos visualizar a razão de muitos já terem sugerido que Iracema consagra Alencar como um dos maiores criadores da prosa romântica da língua portuguesa, ou quiçá, o maior poeta brasileiro. Trabalhamos e conseguimos êxito ao estudar o que pode ser inconcebível para alguns, mas que foi desvendado e abrilhantado por tal escritor – a prosa poética, a qual proporcionou à literatura brasileira, novos patamares que até então, não tinham sido alcançados.

Palavras–chave: *Iracema*, prosa poética, José de Alencar, romance

1. INTRODUÇÃO

Já se sugeriu que assim como água e óleo, a prosa e a poesia seriam dois opostos que não poderiam coincidir ou apresentarem-se concomitantemente. Seria, portanto, inexplicável a ideia de poesia não entrincheirada na forma habitual dos versos? É absurdo pensar que essa poderia apresentar-se na forma de prosa? José de Alencar mediante toda a sua composição literária, mas principalmente a partir de *Iracema*, prova a veracidade das palavras de Machado de Assis, o qual ao se referir ao romance da "virgem dos lábios de mel" define-o como "poema em prosa" e o difere de todas as obras brasileiras escritas no século anterior.

É de extremo valor compreendermos a "música" alencariana, a qual contribui para a consagração do filho do senador José Martiniano, assim como do filho do Ceará, como sendo um dos maiores escritores da literatura portuguesa. Por conseguinte, pretendemos analisar o livro *Iracema – Lenda do Ceará*, que carrega já no nome uma poeticidade e que supera a intitulação de romance histórico por seu autor dispor de um talento e genialidade que não se resumem a tal enquadramento.

> [...] não vejo indígenas na obra de Alencar, nem personagens históricas, nem romances históricos; vejo uma poderosa imaginação que transfigura tudo, a tudo atribui um sentido fabuloso e não sabe criar senão dentro de um clima de intemperança fantasista. Poeta do romance, romanceava tudo. (ALENCAR, 1964, p 13)

É, pois, o nosso objetivo analisar uma das expressões máximas da grandeza das letras de Alencar, além de situá-la quanto ao período vivenciado pela literatura brasileira, o Movimento Romântico; período esse que vem para ampliar o leque de temas e estruturas estéticas e traz consigo várias facetas e conteúdos abordados em diversos níveis pelo espírito romântico. Um grande autor que pela forma de escrever, sendo suas histórias suscetíveis a grandes reviravoltas e surpresas, que muitas vezes, não se enquadram na normalidade, mas que se constroem de possibilidades "entretecidas de

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

quase-impossíveis", alcançou um permanente interesse do leitor e logo, um grande sucesso popular. Já questionava M. Cavalcanti Proença: "Como interromper a leitura?".

2. MATERIAL E MÉTODOS

Por meio de uma análise completa da obra *Iracema*, auxiliada por artigos e livros que igualmente estudam a obra alencariana em todos os seus aspectos, seja quanto ao tema ou estética, obtivemos os resultados que aqui apresentamos. Aliado a isso, incluímos estudos de fundamentação para o romance – a plurilinguagem e a plurivocalidade existente nesse, suas origens e importância até o seu ápice no período denominado Romantismo, o qual encontra no romance sua melhor expressão. Quanto ao estudo do discurso presente no romance, fundamentamo-lo nos estudos de Mikhail Bakhtin, grande filósofo russo da linguagem e que contribuiu incrivelmente com a Teoria do Romance para a literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O Movimento Romântico

Em meio a todo o processo de industrialização pelo qual o mundo passava, com a Inglaterra e França como palco relevante para tal impulso, iniciava-se no século XVII um movimento muito mais estilístico do que temático ou histórico. O qual explorava uma poética carregada de memórias medievais em oposição à de origem clássica, até então, empregada pelos árcades. No Brasil, vive-se o domínio do latifúndio, da mão-de-obra escrava e de uma nova elite intelectual formada pelos filhos de proprietários rurais ou de comerciantes (Alencar, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Castro Alves) que incorporam padrões culturais oriundos da Europa, principalmente Inglaterra e França.

Foi um período de contestação ao esgotamento de temas e formas Neoclássicas e de abertura ao sentimentalismo, aos símbolos e mitos nacionais e ao âmbito imaginário, situado tão distante do campo racional. Observa-se assim uma apreciação pelos elementos da poética de Byron e Goethe como a exaltação da natureza, evasão ao passado, retorno do bom selvagem (Rousseau) e inclinação ao mórbido, pitoresco e a elementos do plano imaginário, que se reflete, por exemplo, na obra de Álvares de Azevedo.

Desabrochava, por conseguinte, o Romantismo, onde a imaginação era verdadeiramente uma das admiráveis qualidades do poeta; onde a aspiração por um mundo novo e aperfeiçoado, a busca por satisfação nos elementos oriundos da natureza, do pitoresco e selvagem davam margem a devaneios de fuga da realidade, transporte para um passado remoto ou para um futuro distante e fantasioso. O estado de alma romântico guardava em si muito de religiosidade, melancolia e sobrenaturalismo, não podendo ser resumido substancialmente a uma fórmula, mas devendo ser entendido como um conjunto de qualidades que o opõe ao clássico e ou realista existente até então.

Surge, então, uma nova forma de se fazer poesia – cena para o íntimo e pessoal que serão típicos de um lirismo que caracteriza tal composição. No Teatro, retratam-se características da sociedade moderna e mistura-se o verso com a prosa, e até, a comédia com a tragédia, obtendo-se o drama. Mas é no romance que se visiona a melhor expressão dos ideais românticos - fosse à linha psicológica, histórica ou social; a partir deste, conseguia retratar-se, assim como na arte teatral, o cotidiano burguês aliado à ficção.

No Brasil, o marco inicial do movimento é tido como a obra "Suspiros Poéticos e Saudades" (1836) de Gonçalves de Magalhães, o qual propõe uma reforma de âmbito nacional e espiritual da literatura brasileira. Com uma linguagem coloquial, mas rica, o Romantismo logrou a independência literária, já que estávamos sujeitos ao jugo da estética luso-clássica, alcançando uma liberdade de pensamento e expressão, além da evolução do nosso processo literário.

Todavia o primeiro poeta autêntico a emergir no Romantismo brasileiro foi Gonçalves Dias, o qual enriquecia seus escritos com os motivos indianistas, sendo o grande idealizador da pátria e do índio. Abordava a contraposição da simplicidade e do caráter do selvagem com a hipocrisia e a

ambição do Europeu; além de conferir uma virtuosidade rítmica aos seus poemas que não apresentavam uma estrutura fixa e padrão, mas sim uma linguagem que denotava superioridade. Sua lírica é considerada "como a mais literária, isto é, a que melhor exprimiu o caráter mediador entre os pólos da expressão e da construção".

Se dividirmos a era romântica substancialmente temos o período pré-romântico de 1808 a 1836 e o Romantismo propriamente dito de 1836 a 1860. O primeiro caracteriza-se por ser um momento histórico de forte expressão cultural e literária – ao passo que a burguesia substituía a aristocracia nas áreas política e intelectual, a Corte progredia e o Brasil caminhava para o processo de Independência. Havia, portanto, um conjunto de idéias e de estilos que ainda não estabeleciam um padrão necessariamente apresentando elementos classicistas e arcádicos, mas também outros novos de naipe romântico e estampando a influência inglesa e francesa como substituinte da lusa.

Outro grande representante do estilo romântico foi José de Alencar que ganhou lugar de destaque pela qualidade e dimensão da sua obra, a qual tentava sintetizar a cultura brasileira, retornar ao índio, ao bom selvagem, e irritava-se com o progresso das cidades e com a avareza gerada pelo dinheiro. José de Alencar é, nesse contexto, figura essencial para enquadrar a literatura brasileira nos seus moldes definitivos quando se adéqua ao regionalismo, ao emprego de motivos e temas brasileiros – povos pré-cabralinos, paisagens e natureza brasileira, e rompe com os gêneros neoclássicos.

2. O Romance

Para Alencar, assim define-se o romance:

> "É uma história dividida em capítulos, que principia rindo e acaba chorando, ou vice-versa, e na qual devem entrar necessàriamente um namorado, uma môça bonita, um homem mau, e diversas outras figurinhas de menor importância. Um romance, em regra, só pode começar de manhã, ao romper do dia, de tarde, ao rugido da tempestade, e de noite ao espontar da lua."

Distanciando-se do tema, o romance caracteriza-se como gênero literário e o seu discurso tem, semelhante a poesia, caráter poético. Para Bakhtin, esse gênero "tomado como conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal" justamente pela estratificação de línguas sociais existentes nele. Todas as linguagens do plurilinguismo coexistem na mente das pessoas e manifestam-se nas letras dos romancistas como um verdadeiro diálogo de linguagens.

Por exemplo, ao se inserirem, no romance, os demais gêneros essenciais como a confissão, o diário, a carta, etc. também são introduzidas, concomitantemente, suas linguagens. Portanto, o plurilinguismo incorporado no romance "(quaisquer que sejam as formas de sua introdução) é o *discurso de outrem na linguagem de outrem,* que serve para refratar a expressão das intenções do autor" (BAKHTIN, 1988). Repete-se no texto literário o que ocorre no cotidiano de qualquer pessoa – pelo menos metade das suas palavras e ideias já foram proferidas por alguém anteriormente.

O romance igualmente traz como proposta o reflexo completo da sociedade da época. As linguagens sociais devem se refletir na obra, engrandecendo o gênero literário. Enquanto alguns gêneros encontram-se enrijecidos e envelhecidos, o romance, segundo Bakhtin:

> "é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado. [...] só o romance é mais jovem do que a escritura e os livros, e só ele está organicamente adaptado às novas formas da percepção silenciosa, ou seja, à leitura" (BAKHTIN, 1988, p.397).

3. A obra de um filho ausente

Um pai revolucionário, eleito senador e um menino cearense destinado a ser grande no futuro. Estes são, respectivamente, José Martiniano e José de Alencar. A paisagem do Ceará e os encantos sertanejos atravessados pelos Alencar em algumas das suas viagens, desde já, inquietavam a mente do

pequeno José, contribuindo para a criação dos cenários, palcos dos seus romances; tudo fruto das memórias. As leituras em voz alta dos romances feitas para sua mãe e outras familiares despertam no menino o sonho da glória literária, de poder fazer chorar e tocar o coração humano com simples palavras e histórias.

Como não teve pressa, começou como jornalista, e só por volta de 1854 teve sua estreia na literatura. Mas o ritmo de seu trabalho era extraordinário e os vinte romances, seis peças de teatro, além de artigos para jornais e demais produções demonstram sua intensa capacidade criadora. Com *O Guarani* atinge um grande sucesso popular e entra nas casas provocando o acolhimento da figura indígena como herói do povo brasileiro.

José de Alencar até trilhou os caminhos políticos do pai - sua primeira aparição na tribuna parlamentar não foi muito bem sucedida, não possuía muita eloquência, porém, conseguiu impor-se respeito e chegou a ser nomeado ministro da justiça.

> "Êle foi paralelamente um poeta de idealizações extremas, e um homem prático e positivo: o primeiro dominado pela imaginação, pelo sentimento e pela fantasia, o segundo, pela razão, pela realidade e pela prudência; no primeiro prevalecia o talento, no segundo a inteligência;" (ALENCAR, 1965, p. 89)

Mas foi em 1865, em uma viagem à terra natal que nasce a obra de nosso interesse, *Iracema*, que encerra em si uma das preferências literárias de Alencar: o passado da pátria. O escritor cearense tinha quase uma devoção pela América e encontra no índio o principal representante do Novo Mundo. Os campos e florestas destacam-se sobre as cidades e o indígena acaba por solucionar uma questão política, em sua mente. Como a independência gerara um sentimento de repulsa a tudo que era oriundo da metrópole portuguesa não se podia enxergar os colonizadores como antepassados nossos – fazia-se necessário um antepassado mais próximo.

E quem mais fugiu, morreu, revoltou-se com a dominação lusa do que os nativos? Reconheceu-se, portanto, neles o espírito de liberdade almejado pelo Brasil – intelectual, politico e cultural. Para Alencar, "O índio vê o que os olhos exóticos não veêm, ouve o que os ouvidos estranhos não escutam" (ALENCAR, 1965). Caubi, irmão de Iracema, por exemplo, "tem o ouvido sutil que pressente a boicininga entre os rumôres da mata; e o olhar do oitibó que vê melhor nas trevas." (I. cap VII). Concentrou-se no indígena a possibilidade de obtermos uma identidade nacional que diferiria da imposta pelos colonizadores.

> "Índio e sertanejo são tipos que o povo idealizou como símbolos de sentimentos nobres, de coragem sem desfalecimento, e José de Alencar poetizou-os, deu-lhes a fôrça e a beleza que devem ter os símbolos para que se perpetuem." (ALENCAR, 1965, p.46)

No tupi, Alencar encontra um campo vasto de criação, seguia em busca da origem das palavras e deparou-se com uma língua de sonoridade agradável aos seus ouvidos e de palavras que, por si só, "contêm todo um raciocínio mais um grão de poesia". O romancista também se deleitava pelo visual – suas personagens revelavam-se muito antes através do rosto, da aparência, do que por meio das ações e planos. É tanto que valoriza e concebe uma das descrições mais famosas nacionalmente - a da própria Iracema: "Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira" (I. cap II). Logo, dedicava extrema atenção ao vestuário ou a mobília da casa, pois estes, para Alencar, podem e devem definir as personagens.

> "E aqui se firma um curioso contraste: pelo conteúdo, êle nos dá a impressão imediata e continuada de um visual, mas a estrutura fraseológica, de sonoridade prevalecente, revela o autor que se ouve, que escreve para ser lido em voz alta." (ALENCAR, 1965, p 54)

Esse é um dos fatores que justificam o grande escritor ter conseguido adentrar na alma do povo, além do investimento na cultura popular e principalmente, em heróis que fugiam do cotidiano e mantinham em permanente interesse o leitor. Esses heróis levam a sério o título, sofrem, chegam muito perto da morte, mas continuam fiéis aos seus princípios e pensamentos – como nas ocasiões em que Irapuã prepara armadilhas para matar Martim e acaba fracassando devido à força e a coragem do guerreiro branco. Logo, culmina-se na punição dos maus e na exaltação dos heróis. A bondade de suas personagens revelava-se, muitas vezes, através do incrível domínio que estas realizam sobre os animais – Iracema, por exemplo, tinha "a graciosa ará," como "companheira e amiga".

Por conseguinte, podemos observar nas obras alencarianas alegorias de imaginação e fantasia inspiradas no povo e na terra brasileira e que garantiram gratuitamente a José de Alencar o título de poeta do romance.

4. Iracema e a "música" de Alencar

Pleno de ideais emancipadores, o romancista cearense idealiza uma nova forma estética que se diferencia dos modelos portugueses e que se aproxima da realidade linguística brasileira: surge, então, a Poética Romântica. A forma como enriqueceu seus romances indianistas com neologismos na língua tupi e sua própria linguagem musical, simulando um cenário de descrição irrepreensível, assemelha-se ao trabalho de um grande artista plástico, ao desenhar ou pintar uma obra. Sendo *Iracema*, logo considerada como sua obra-prima.

Alencar, já no prólogo, nos premia com uma dose de amor à terra natal e descreve *Iracema* como uma lenda: "Quem não pode ilustrar a terra natal, canta as suas lendas (Prólogo da primeira edição, *Iracema*). Interessante o uso do verbo "cantar", no trecho já referido, pois é justamente dessa forma – cantando, celebrando em poesia, que Alencar conta a lenda da formação do povo brasileiro, uma grandiosa alegoria. O que doravante é sugerido pelo anagrama da palavra IRACEMA/ AMERICA.

Temos, igualmente, o trecho inicial do livro como um dos mais decorados fragmentos da prosa literária brasileira, exatamente pelo ritmo e as inúmeras figuras de som que contribuem para assegurar a poeticidade das figuras sugeridas, a clara beleza das palavras (ALENCAR, 1965). Pode o trecho ser até versificado:

"Verdes mares bravios\ de minha terra natal,\ onde canta a jandaia,\ nas frondes da carnauba. Verdes mares que brilhais,\ como líquida esmeralda,\ aos raios do sol nascente,\ perlongando as alvas praias,\ ensombradas de coqueiros. Serenai, verdes mares,\ e alisai docemente\ a vaga impetuosa\ para que o barco aventureiro manso\ resvale à flor das águas" (I. cap. I)

As aliterações e assonâncias, além da anáfora "verdes mares" recursos sonoros tão utilizados pelos poetas garantem o ritmo; enquanto, a comparação feita dos mares para com a "líquida esmeralda" e a metáfora "à flor das águas" embelezam o imagético do trecho.

A obra é repleta de comparações, exemplificadas na fala de Poti:

> "O guerreiro sem a esposa é como a árvore sem fôlhas nem flôres: nunca ela verá o fruto; o guerreiro sem amigo é como a árvore solitária que ovento açouta no meio do campo: o fruto dela nunca amadurece". (I. cap. XXIII)

E de dípticos, quando Iracema dirige-se ao filho recém-nascido:

> "A jati fabrica o mel no tronco cheiroso do sassafras, tôda a lua das flores voa de ramo em ramo, colhendo o suco para encher os favos; mas ela não prova sua doçura, porque a irara devora em uma noite tôda a colmeia. Tua mãe, também, filho de minha angústia, não beberá em teus lábios o mel do teu sorriso. (I. cap. XXX)

As moças, geralmente donzelas nos romances alencarianos, são como flores e a vida lhes está no estame – a peça fértil da flor: quando morre Iracema (ALENCAR, 1965) "o estame de sua flôr se rompera". A passagem do tempo é contada por meio das luas: "Quatro luas tinham alumiado o céu depois que Iracema deixara os campos de Ipu," ou por intermédio, do florescer do cajueiro. E é a natureza vítima de uma intensa personificação: "Soluça a onda trépida e lacrimosa; geme a brisa na folhagem; o mesmo silêncio anela de opresso".

Nas perífrases, José de Alencar também encontra a poeticidade através da substituição de vocábulos como virgindade por "a flor do seu corpo" ou quando a personagem principal é retomada pelo autor muitas vezes como "filha dos tabajaras", "virgem dos lábios de mel" ou "garça do rio". Afora, não mencionamos o ritmo da narrativa – o autor utilize-se de versos curtos para cadenciar a história como se contando uma verdadeira lenda ou recitando versos.

Todas as essas características, sejam sonoras ou imagéticas conferem a *Iracema – Lenda do Ceará*, o título de poema em prosa e marcam a literatura brasileira, devido sua originalidade e genialidade: *Iracema* reflete o que muitos chamam de a "música" de Alencar.

6. CONCLUSÕES

Diante das resoluções obtidas, observamos que nossas pretensões foram alcançadas por termos conseguido identificar e relacionar como a poesia aparece na obra de José de Alencar. A partir de todas as experiências registradas expomos a musicalidade e a grandiosidade de sua obra para a literatura portuguesa.

Notamos decisivamente, como tencionávamos desde o princípio, que a poesia pode fundir-se à prosa, ou seja, que a poesia não está resumida ou destinada somente aos versos, mas que pode também apresentar-se nas linhas dos parágrafos. José de Alencar em toda sua genialidade consegue com maestria nos demonstrar tal fenômeno e provar a beleza do romance poético.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J.D. **Obra completa.** v. I. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965 (Biblioteca luso-brasileira).

ALENCAR, J.D. **Obra completa.** v.II. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964 (Biblioteca luso-brasileira).

ALENCAR, J.D. **Obra completa.** v. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964 (Biblioteca luso-brasileira).

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética:** a Teoria do Romance. São Paulo: UCITEC, 1988.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 45. ed. Cultrix.